

# As Tradições Germânicas “Zuckertüten” e “Adventskalender”: Imbricações entre Memória, Comunicação e Consumo<sup>1</sup>

João Paulo Soares da Silva<sup>2</sup>

Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS)

## Resumo

Este artigo é parte do projeto de pesquisa “*Memórias, culturas e identidades nas imagens da comunidade cultural germânica no ABC Paulista*”, realizada em iniciação científica no Núcleo de Pesquisas Memórias do ABC, vinculado ao Laboratório Hipermídias/USCS e conta com apoio PIBIC/CNPq. O presente trabalho busca apresentar duas tradições de origem alemã: o *Zuckertüten* e o *Adventskalender*, narrados pelos entrevistados a partir de suas lembranças. Essas tradições são praticadas por duas famílias de imigrantes e descendentes que compõem o nosso grupo de colaboradores. Questiona como essas tradições buscam manter a identidade cultural germânica, como é renovada por novos hábitos e constrói uma relação de pertencimento com a cultura de origem. A partir da coleta de acervo pessoal, somado ao relato oral, identificamos traços da subjetividade que compõem os elementos da memória, comunicação e o consumo.

**Palavras-chave:** Memória; Consumo, Comunicação, Tradição, Alemães.

---

1

<sup>1</sup>Trabalho apresentado no Grupo de Trabalho 7 – Comunicação, Consumo e Memória, do I COMUNICON GRADUAÇÃO, realizado nos dias 5, 6 e 7 de outubro de 2015.

Habilitação e disciplina: Habilitação: Jornalismo, Disciplina: Pesquisa em Comunicação.

2

<sup>2</sup>Graduando em Comunicação Social, Hab. Jornalismo. Pesquisador em Iniciação Científica no Núcleo de Pesquisas Memórias do ABC/USCS, com bolsa PIBIC/CNPq 2014-2015. Universidade Municipal de São Caetano do Sul (USCS), São Caetano do Sul – SP. E-mail: joapsoaresilva@gmail.com

## Introdução

O presente trabalho busca apresentar duas tradições de origem alemã: o *Zuckertüten* e o *Adventskalender*, narrados pelos entrevistados a partir de suas lembranças. Essas tradições são praticadas por duas famílias de imigrantes e descendentes que compõem o nosso grupo de colaboradores. Questiona como essas tradições buscam manter a identidade cultural germânica, como é renovada por novos hábitos e constrói uma relação de pertencimento com a cultura de origem.

Essa pesquisa de Iniciação Científica, financiada pelo PIBIC-CNPq, faz parte de um grupo de pesquisadores que estudam a memória e a cultura de estrangeiros na região do Grande ABC Paulista. Inserida na pesquisa “*Comunicações Culturais: Investigações e Acervo de Comunicação, Cultura e Memória da comunidade germânica do ABC Paulista*”, coordenada pela Profa. Dra. Priscila Ferreira Perazzo, no Núcleo de Pesquisas Memórias do ABC, do Laboratório Hipermídias da USCS, financiada pela FAPESP entre 2011 e 2014, percebeu-se que desde as décadas de 1920 e 1930, muitos imigrantes vieram do interior paulista e do trabalho nas lavouras e fazendas para as localidades do ABC. A região, próxima à capital São Paulo, misturava aspectos urbanos e rurais, com oferta de trabalho e terrenos propícios a ocupação. Por isso, atraiu, na primeira metade do século XX, uma diversidade de estrangeiros de diferentes nacionalidades, assim “a proximidade também garantia pontos extras. Todo este cenário se mostrou particularmente atraente para as famílias imigrantes, vindas em situação de fragilidade financeira, com o sonho de recomeçar a vida” (PRADO, 2015, p.122).

Parte-se aqui das Narrativas Oraís de Histórias de Vida de moradores do ABC que contaram suas histórias a partir de suas lembranças. Também foi pesquisada a documentação pessoal desses entrevistados e buscou-se, ainda, acervos documentais de instituições e de associações. Nestas fontes encontram-se diversas imagens como fotografias, desenhos e pinturas que podem ser estudados como meios de transmissão, difusão e comunicação da cultura germânica, na região do ABC Paulista, a partir das

expressões da memória da comunidade, uma vez que cultura, aqui, é entendida como um conjunto de “significados, atitudes e valores partilhados e as formas simbólicas (apresentações, objetos artesanais) em que eles são expressos ou encarnados, variam no tempo e nos grupos” (BURKE, 1989, p.8).

Esta pesquisa é inserida no contexto social como um mecanismo de preservação do patrimônio histórico e cultural da comunidade germânica nas cidades do ABC Paulista, uma vez que oferece a possibilidade de conservação do acervo coletado – entrevistas, fotos, imagens, matérias de jornais, etc. - e na devolução deste material como registro histórico para a comunidade em geral, acreditando que:

Na possibilidade de resgate das memórias e dos sujeitos então esquecidos pela história local, devolve-se aos imigrantes e seus descendentes o (auto) reconhecimento como agentes dessa história no ABC, uma vez terem sido ofuscados por uma memória oficial, cristalizada nas lembranças, feitos e documentos da comunidade italiana local. (PRADO, 2015, p. 85).

No ABC, além dos alemães, conviviam na comunidade cultural em São Caetano do Sul também austríacos, suíços, suecos, iugoslavos, romenos, lituanos e húngaros, por exemplo. Moradores do mesmo local, parte da mesma comunidade, estes sujeitos usufruíram das mesmas oportunidades, como estudar na escola alemã, ser membro do clube, relacionar-se com diferentes grupos nacionais e étnicos, pois:

Embora provenientes de países diferentes, portando passaportes e cidadanias distintas, tinham em comum um dialeto da língua alemã que falavam há séculos, além de costumes e tradições afins e uma homogeneidade étnica. (JOVANOVIC, 1993, p. 11).

Os descendentes de cultura germânica tiveram muito que se esforçar para manter hábitos e tradições, preservar seus costumes e sobreviver, em um sentido cultural. Passaram a criar diversas associações, como escolas, clubes, jornais e partidos políticos, de modo a estabelecer um forte sentimento de unidade em torno da comunidade. “O espaço da comunidade se assemelha ao ventre, como se fosse um pedaço da pátria-mãe ainda que longe dela. Ali tudo é bom: conflitos podem ser resolvidos, e a segurança permite que o indivíduo relaxe e se sinta protegido dos outros por uma ajuda mútua” (ISZLAJI JUNIOR, 2014, p.45).

Esta pesquisa é documental e iconográfica, utilizando-se das narrativas orais das lembranças das pessoas e fotografias do acervo pessoal desses narradores, para melhor compreender os relatos de memória das duas famílias de origem germânica que contribuíram com este trabalho: a primeira formada por João Christopher José Becker e Berenice Longo Becker. João é descendente de alemães imigrantes que chegaram ao ABC na década de 1920. Nasceu no Brasil, mas passou 10 anos de sua infância na Alemanha (entre 1938 e 1948). Sua esposa, Berenice, é brasileira, não tem antepassados de origem germânica, mas com a convivência de mais de 40 anos de casada pratica muitos hábitos alemães em família e atualmente representa a guardiã desses costumes.

A outra família com a qual pudemos conviver nessa pesquisa é formada por Luise Babisch, nascida na Alemanha, imigrada para o Brasil em 1950 com 14 anos. Atualmente viúva. E seu filho Walter Paul Babisch, brasileiro, nascido em 1968, morador da região do ABC. Ambas as famílias são cristãs, de linha católica e praticantes.

As famílias ainda mantêm os hábitos referentes ao *Zuckertüten* e ao *Adventskalender* reapropriando antigas tradições alemãs, de forma a percebermos como comunicação, consumo e memória se entrelaçam. As tradições de origem germânica, como tantas outras, trazem consigo a identidade e a expressão da cultura de um povo, mas quando tratamos de costumes e hábitos de imigrantes e descendentes percebemos que essas ações são mantidas, modificadas e adaptadas, em seu novo contexto.

### **Zuckertüten: A “sacola de açúcar” e o início da vida escolar.**

O calendário escolar alemão se difere do calendário escolar brasileiro. Na Alemanha o ano letivo começa aproximadamente em primeiro de setembro, no segundo semestre, ao final do verão. Os cones coloridos, chamados de *Zuckertüten* - sacola de açúcar – ou *Schultüten* – sacola da escola (em livre tradução) preenchem parte das prateleiras nas lojas nessa época do ano. Acredita-se que esta tradição teve

origem no século XIX, e as crianças acreditavam que o professor tinha uma “árvore de doces” na escola, mas eles apenas poderiam ir lá quando fossem grandes o suficiente.

O cone é uma mescla entre o artesanal e o industrial. Alguns preferem fazer à mão, outros utilizam-se da praticidade de comprar pronto. Novas cores, tamanhos e temáticas do enfeite foram criadas. O recheio também foi adaptado, além dos doces pode ser incluídos brinquedinhos, material escolar, frutas, etc. O maior é para quem está ingressando na escola e os menores para os irmãos, primos ou outros parentes que também querem ganhar. Dentro deles vão alguns dizeres: “parabéns pela entrada no ano escolar”, “tenha muita sorte”, por exemplo. A entrega do *Zuckertüten* para a criança é feita pelos pais ou pelas instituições de ensino. Berenice Longo Becker, que já criou seus filhos e agora convive com seus netos, contou sobre essa tradição e o que mudou ao longo desses anos:

Lá dentro vão guloseimas, às vezes algum material escolar bacana, uma canetinha, um lápis de cor. Isso antigamente era mais valorizado, mas ainda continua-se colocando isso mesmo apesar de tudo. Um apontador, uma bijuteria quando é menina, mas é um agrado para marcar o primeiro dia de aula, do primeiro ano. É feito uma vez na vida [...] Eu acho que ele perdeu um pouquinho esse misticismo, essa espera das crianças. Mas acho que isso é o normal hoje, antigamente se tomava refrigerante de domingo... (Berenice Longo Becker, 30/06/2015, HiperMemo/USCS).

Luise Babisch e seu filho, Walter Paul Babisch, comentam sobre o movimento do comércio e das lojas no período de início das aulas.

Na Alemanha tem, aqui não. Aqui quem inventa tem. No ano que o Walter entrou na escola só o Walter que ganhou. Na Alemanha as lojas estão cheias no meio do ano, geralmente as crianças entram no primeiro de setembro na escola e lá a loja está cheia. Antigamente tinha uma casa de chocolate, que se chama Sönksen, era alemã, que ficava na Coronel Oliveira Lima (Santo André-SP), eles tinham na época do começo das aulas [...] Quando o Walter entrou na escola essa loja fechou. Em 1975, ele entrou em 1976 e justo quando eu queria eles fecharam, então eu que inventei. (Luise Babisch, 14/07/2015, HiperMemo/USCS).

Walter Paul Babisch complementa a fala da mãe.

Ela “inventou” o *Zuckertüten* na raça, comprou o papel na lojinha, fez o cone, encheu de coisa e me deu [...] Eu vou te falar, os antigos ainda mantêm. Os mais novos, os filhos de alemães, não são todos não [...] Só os alemães mais tradicionais que fazem esse tipo de coisa ainda. (Walter Paul Babisch, 14/07/2015, HiperMemo/USCS).

Nota-se nos relatos citados uma referência ao antigo e à tradição: Berenice diz que: “Isso antigamente era mais valorizado”. Walter afirma: “Só os alemães mais tradicionais que fazem esse tipo de coisa ainda”. Berenice e Walter são brasileiros, mas conhecem os costumes e se lembram bem das práticas. Percebem as transformações, mas as valorizam. Transformar a prática é uma forma de manter a tradição, mesmo que isso aparentemente seja contraditório. Nessas duas famílias, esse costume vem sendo vivenciado em gerações, de pai para filho, por meio da comunicação da história, da prática habitual e nas próprias formas de adaptá-la ao novo cotidiano e aos novos tempos. Assim “não há cultura sem comunicação e vice-versa, esse *duo* tem participação ativa no acionamento de conceitos como identidade e reconhecimento” (PRADO, 2015, p.16).



Figura 1: Walter Paul Babisch, após retornar da escola, posando para a foto depois receber o seu *Zuckertüten*. Ele foi o único de sua turma que recebeu. Registro feito em Santo André-SP, em março de 1976. Acervo Luise Babisch/HiperMemo/USCS.



Figura 2: Luise Babisch e Walter Paul Babisch, posando para a foto depois receber o seu *Zuckertüten*. Registro feito em Santo André-SP, em março de 1976. Acervo Luise Babisch/ HiperMemo/USCS.



Figura 3: Walter Babisch, marido de Luise Babisch e, pai de Walter Paul Babisch. Posando para a foto após receber o seu *Zuckertüten* quando ingressou na escola. Registro feito em Breslau, quando ainda pertencia a Alemanha, em 1942. Acervo Luise Babisch/ HiperMemo/USCS.



### **Adventskalender: O “calendário do advento” e as tradições do natal germânico.**

“O *Adventskalender* é mais para envolver a criança no espírito natalino”, afirma Walter Paul Babisch. Acredita-se que a tradição do “Calendário do Advento” surgiu no século também no XIX, na Alemanha. O período do advento inicia-se, aproximadamente, ao final de novembro, quatro domingos antes do Natal e se encerra no dia 24 de dezembro. É de origem religiosa e praticada tanto por cristãos luteranos, quanto católicos, as duas principais religiões frequentadas pelos germânicos. Segundo Ecléa Bosi (1992, p.114): “confiamos nas instituições que nos socializam: eia a razão das nossas primeiras crenças e atitudes”.

O calendário pode ser confeccionado a mão ou ser adquirido pronto, contém 24 janelinhas. Para cada dia do mês de dezembro há uma mensagem bíblica nessas janelinhas, e também um chocolate ou uma lembrancinha. “A época natalina é uma das mais importantes na Alemanha e esse clima vai todo o mês de dezembro”, afirma Walter. Com o passar dos anos, começou a serem produzidos diversos modelos de *Adventskalender*, com diversos tamanhos e formas.

O calendário é uma tradição que eles fazem. Existe esse de papel que eu te mostrei, existem uns feitos de pano do tamanho da parede, se faz uma árvore grandona. Na Alemanha tem com bolsos e cada dia você põe uma coisa... tem as caixinhas, tem vários modelos. (Berenice Longo Becker, 30/06/2015, HiperMemo/USCS).

Atualmente o *Adventskalender* é produzido em larga escala, também em temáticas não religiosas, já que o Natal tornou-se uma festa da sociedade, isso aumenta o consumo e movimentou o comércio.

O consumo aqui será entendido como processo que envolve desde o ato aquisitivo de bens e serviços, passando pela posse e uso dele, pelo seu significado para os possuidores e não possuidores, até o seu descarte. Trata-se também de consumo de símbolos, portanto, consumo cultural e social” (TASCHNER, 2010, p. 39).

Para Walter Paul Babisch:

Na Alemanha isso gera uma receita muito grande, por isso na época de novembro e dezembro as lojas estão lotadas desses *Adventskalender*. Você tem de todos os tipos, tamanhos e formas que



você pode imaginar, então movimenta um comercio muito grande. (Walter Paul Babisch, 14/07/2015, HiperMemo/USCS).

Relacionado ao *Adventskalender* também seguem outras tradições germânicas natalinas, como por exemplo, o “Dia de São Nicolau”, a “Coroa do Advento” e a culinária tradicional do “*Plätzchen*” e o “*Stollen*”: “Isso porque mais do que pratos culinários que carregam sabor, estes elementos carregam também características da cultura, da história, do folclore de um povo” (PRADO, 2015, p.113).

Em relação a “*Coroa do Advento*”, ambas as famílias ainda realizam esse costume:

Aquela guirlanda que muita gente põe na porta, a gente põe aqui [em cima da mesa]. Forramos uma toalha e colocamos aquela guirlanda de folinhas com 4 velas. Essas velas são acessas 4 domingos antes do domingo do Natal. (Berenice Longo Becker, 30/06/2015, HiperMemo/USCS).

O relato de Luise Babisch e Walter Paul Babisch coincide com o que nos conta Berenice Becker.

Tem o tempo de advento. A preparação para o Natal. Então eles festejam isso. Eu também faço isso, de acender cada domingo [...] tem quatro domingos antes do Natal, em cada domingo se acende uma vela. A gente canta até hoje... (Luise Babisch, 14/07/2015, HiperMemo/USCS).

Luise, mesmo com um pouco de dificuldade para falar, conclui a sua explicação, e seu filho Walter Paul Babisch continua:

A gente se reuni na mesa, acende uma vela e canta musicas natalinas até hoje, tudo em alemão [...] Quando a gente faz isso tudo, quando a gente enfeita a sala, acende as velinhas, é muito mais do que um simples consumismo, é realmente curti o espírito do Natal [...] Em uma família tem sempre alguém que puxa a corda, eu e ela sempre puxamos a corda, para que as coisas se mantivessem do mesmo jeito. (Walter Paul Babisch, 14/07/2015, HiperMemo/USCS).

Na tradição alemã, “o Natal é uma festa bastante familiar. A maioria realiza a ceia cedo vai à missa, canta hinos” (PRADO, 2015, p.112). Nessa perspectiva, pode-

se considerar que a manifestação cultural germânica – o idioma, a culinária, os hinos, as festas, os objetos, as práticas, etc. – permanecem na memória e dessa forma mantém a noção de identidade, criando novas interações e relações sociais com a cultura.



Figura 4: *Adventskalender* da família de João e Berenice Becker. Não havia sido utilizado, nem retirado do plástico antes da coleta de acervo pessoal. Registro feito na Lapa-SP, em 2015. Acervo João Becker/HiperMemo/USCS.



Figura 5: *Holz-Adventskalender Zug*. O Calendário do advento, trem de madeira da família de João e Berenice Becker. Utilizado até hoje, anualmente, com os netos. Registro feito na Lapa-SP, em 2015. Acervo João Becker/HiperMemo/USCS.



Figura 6: Walter Paul Babisch e ao fundo um *Adventskalender*, que foi adquirido em um bazar entre alemães protestantes e católicos, na região do ABC. Ele era feito de caixinha de fósforo, mas preenchiam com doces. Registro feito em Santo André-SP, em 1977. Acervo Luise Babisch /HiperMemo/USCS.



Figura 7: *Adventskalender* da família de Luise e Walter Babisch. Utilizado anualmente desde 1978. Dentro da janela está a seguinte mensagem: “Um anjo comunicou o mundo inteiro”, “Natal significa a paz no mundo inteiro”. Tradução realizada por Luise Babisch. Acervo Luise Babisch /HiperMemo/USCS.

## Considerações Finais

Podemos conferir traços, imagens e narrativas que contornam a comunidade germânica e suas relações com a comunicação, a memória, o consumo, o imaginário e as suas tradições. O grupo de colaboradores do *Núcleo de Pesquisas Memórias do ABC* utilizou imagens e relatos orais de duas famílias, a fim de compreender melhor essas imbricações com os costumes e a cultura dos imigrantes e descendentes de origem alemã. “Eis que o passado não existe. Só existe em nossas representações, só existe em nossa memória. Só se expressa se houver forma de relato. É o sujeito da ação quem pode relacionar-se ao seu passado” (PERAZZO, 2015, p.128).

Percebe-se assim que nem toda adaptação ou transformação da tradição é necessariamente uma perda, e nem toda perda é necessariamente o esquecimento. Os sentidos de pertencimento, muitas vezes, habitam o imaginário dos indivíduos e se representam em seus costumes, que podem ser simbólicos ou em objetos, como se viu entre essas pessoas. Com o intuito de preservar os hábitos, as pessoas os transformam sem se dar conta que os estão modificando. “É preciso que se dissipe a noção de que as culturas tradicionais são algo a ser, meramente, preservado. Como se qualquer contato com o diferente, com o novo, já representasse uma contaminação” (PRADO, 2015, p.124).

O *Zuckertüten* e o *Adventskalender* movimentam o comércio e ampliam o consumo de bens, simbólicos e culturais, porém, a relação com essas tradições por muitas vezes ultrapassam a relação de consumismo, preservando mais o “praticar”, do que o “comprar”, pois “a simples existência de renda ou salários não gera automaticamente atos de consumo” (TASCHNER, 2010, p. 41).

Por fim, pode-se compreender como se dá a comunicação da cultura entre esses descendentes culturais e como o consumo se processa em nossas vidas, nossos hábitos nos identificam e nos faz pertencer a um grupo social.

## Referências

BOSI, Ecléa. **Entre: A Opinião e o Estereótipo**. Novos Estudos CEBRAP, São Paulo, n. 32, p. 111-118, março 1992.

BURKE, Peter. **A nova história, seu passado e seu futuro**. In: BURKE (org.). A escrita da história: novas perspectivas. São Paulo: Ed. da Unesp, 1992.

JOVANOVIC, Aleksander. **Os Donauschwaben, uma comunidade de língua alemã em São Caetano**. In: Revista Raízes. São Caetano do Sul: Fundação Pró-Memória de São Caetano do Sul, nº9, julho de 1992, ano 5, p. 11-18.

JUNIOR, Alberto Iszlaji. **Lyra e Kolping: Comunicação e identidade de associações culturais germânicas no bairro de Campo Belo (SP)**. 2014. Dissertação do Mestrado em Comunicação. Universidade Municipal de São Caetano do Sul.

PERAZZO, Priscila Ferreira. **Narrativas Oraís de História de Vida**. Comunicação & Inovação, PPGCOM/USCS. São Caetano do Sul, v.15, n.30 (121-131) jan-jun 2015.

PRADO, Mariana Lins. **Comunicação, Identidade e Memória na Comunidade Germânica no ABC Paulista**. 2015. Dissertação do Mestrado em Comunicação. Universidade Municipal de São Caetano do Sul.

TASCHNER, Gisela. **Comunicação, sociedade e imaginários do consumo**. Comunicação, Mídia e Consumo São Paulo, vol. 7, n. 20, p. 37-57, novembro 2010.

## Fontes Oraís

Berenice Longo Becker (esposa de João Christopher José Becker), em 30/06/2015. Acervo HiperMemo. Universidade Municipal de São Caetano do Sul.

Luise Babisch, em 14/07/2015. Acervo HiperMemo. Universidade Municipal de São Caetano do Sul.

Walter Paul Babisch, em 14/07/2015. Acervo HiperMemo. Universidade Municipal de São Caetano do Sul.